

RESENHA

Novos rumos da cartografia: currículo, linguagem e tecnologia



ALMEIDA, Rosângela Doin (org.) *Novos rumos da cartografia: currículo, linguagem e tecnologia.*

São Paulo, Contexto, 2011, 191 p.

Rosemberg Ferracini

✉ rosemberggeo@yahoo.com.br

Resumo

O livro, organizado pela professora doutora Rosângela Doin de Almeida e composto por um conjunto de autores, traz para o debate as novas produções cartográficas escolares. O diferencial da obra é a proposta de avanço na gama de temas abordados, que passam pelo uso da tecnologia no ensino, aprendizagem e discussão da cartografia, geografia e educação. Dentre os recortes, temos a presença das tecnologias como a *internet* em sala de aula, a construção de maquetes e mapas táteis, experiências da utilização de atlas com alunos, a história da disciplina escolar pelo livro didático, a utilização de fotografias geo-históricas no processo de ensino da paisagem e a relevância do mapeamento do ambiente marinho, temas desafiadores que perpassam o processo de ensino-aprendizagem do currículo, a disciplina escolar cartografia e geografia e a construção das novas práticas docentes.

Resenha

Lançado no primeiro semestre de 2011 com o título *Novos rumos da cartografia: currículo, linguagem e tecnologia* e organizado pela professora doutora Rosângela Almeida Doin, o livro tem artigos divididos em três matrizes de discussão, que passam pela valorização do resgate histórico no processo de ensino-aprendizagem, as novas propostas metodológicas e a utilização das tecnologias. O diferencial do livro é que os autores trazem a possibilidade de comunicação entre o uso das ferramentas digitais e o resgate histórico aliados às novas propostas de pesquisa. Em nossa análise, esse aspecto diferencial é inovador para o ensino e aprendizagem da cartografia escolar.

No que diz respeito às discussões históricas, Marcello Martinelli faz um resgate histórico da relação ensino-aprendizagem da disciplina escolar pelo uso do atlas na sala de aula. Para o pesquisador, a presença desse recurso acontece na Alemanha desde 1710, um feito que no Brasil se inicia em 1868. Uma discussão que passa pelo “ensino do mapa” e o “ensino pelo mapa” e contém um leque de utilizações metodológicas. Tais formas de uso são consoantes com o trabalho de Valéria Trevizan Aguiar, que examina um conjunto de onze atlas, propondo uma reflexão sobre os mapas e os seus referenciais teóricos na educação geográfica nos últimos cem anos. Para a autora, os atlas escolares em sala de aula são uma ferramenta de grande reflexão pedagógica, desenvolvimento cognitivo e de compreensão da organização do espaço geográfico. Também na linha da valorização histórica, Wenceslao Machado de Oliveira Jr. analisa diferentes paisagens, como estradas de ferro, rios, escolas, prédios públicos, árvores, entre outras. Com ajuda do atlas municipal e escolar de Rio Claro, seu trabalho vai demonstrando as diferentes versões a respeito dos lugares da cidade. Amparados na história, os pesquisadores demonstram qualidade nas práticas educativas, além de exporem diferentes interfaces a respeito da cartografia da cidade.

No campo das tecnologias digitais, o livro nos traz cinco novas experiências que podem fundamentar novos trabalhos. Uma delas é o trabalho conjunto de Maria Isabel de Freitas, Sílvia Elena Ventrini e José Augusto Borges, que abordam as maquetes táteis por meio de dispositivos sonoros para ser utilizadas em sala de aula com deficientes visuais. Tal experiência aconteceu por três anos na Escola Municipal Integrada de Educação Especial da cidade de Araras, interior do estado de São Paulo. Entre as particularidades desse trabalho, está a possibilidade de os alunos trabalharem com a percepção de vultos e a projeção luminosa, por meio do sistema tátil Mapavox, que é um método importante para inserção dos circuitos

sonoros e que tanto facilita a orientação espacial quanto ajuda a descobrir novos sons, estimulando o espaço lúdico da sala de aula.

As autoras Tânia do Canto e Rosângela Doin trazem para reflexão as informações de como a cultura digital vem se apropriando da linguagem cartográfica para construção das representações espaciais. Elas discutem o tema da tecnologia de informação, dos programas de mapeamento, o Google Maps, a ciber-cartografia-remix, os mapeamentos coletores, colaborativos e pessoais.

A pesquisadora Valéria Cazetta, por sua vez, traz para o texto discussões do espaço geográfico pelas imagens orbitais que hoje estão presentes no Google, Microsoft Corporation e na NASA. Contemplando a abordagem da procedência das imagens, a sua naturalização orbital e a pixelização da paisagem, a proposta metodológica de seu trabalho é dialogar com as resoluções espaciais e temporais, pondo-as em relação com o conceito de escala.

O artigo de Mark Rodrigue e Christiane da Silva Ramos demonstra como a utilização da tecnologia SONAR (Sound Navigation and Ranging) ajudou a desenvolver o projeto do Parque Marinho Nacional de Victoria, na Austrália, criado para proteger áreas subaquáticas. Pelo viés do mapeamento dos ambientes submarinos e da educação ambiental, os autores divulgam novos dados. O texto trata da criação do parque, das atividades de mapeamento dos habitats marinhos e das atividades humanas nos ecossistemas costeiros, da criação de mapas e a catalogação da biodiversidade marinha.

Os pesquisadores do Centro Argentino de Cartografia, Victoria Alves de Castro, Mariana Alesia Campos, Anabella Soledad Dibiasse, Ana María Garra, Cristina Esther Juliarena, Carmen Rey, José Jesús Reyes, Anita Rohoncz e Teresa Saint Pierre, compararam os resultados de dois sistemas educativos por meio das realidades geo-históricas e socioeconômicas da Argentina e da Hungria. Sua proposta é o uso de mapas temáticos como metodologia das faces Chernoff, que é um método aplicado nas distintas subdivisões do ensino escolar, possibilitando visualizar os dados multidimensionais para representação iconográfica de informação. Os resultados são diversos, passando de projetos de cooperação entre dados comparativos entre os dois países à localização, aos serviços públicos, aos aterros sanitários, produção crítica, entre outros.

No campo da metodologia de pesquisa e ensino, a professora Sonia Castellar envereda pela cartografia e a construção do conhecimento no contexto escolar por meio do letramento cartográfico. A autora trabalha com as práticas geográficas como uma contribuição na relação ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares.

Nesse campo, ela propõe diferentes atividades desenvolvidas na sala de aula, como o aproveitamento do repertório dos alunos, utilização de diferentes linguagens cartográficas e suas simbologias.

Na mesma linha é o texto de Jörn Seemann, que mergulha em dez aspectos relativos às práticas socioculturais da educação cartográfica, vinculando a cada uma dessas uma proposta de ensino-aprendizagem para os professores estimularem seus alunos nesse debate. Seus exemplos valorizam e enriquecem a relação professor-aluno e demais estudiosos do tema dos mapas como recurso pedagógico. Para ele, a cartografia escolar é uma forte aliada na compreensão e entendimento do mundo.

O desafio e o convite estão postos para reflexão, os pesquisadores estabelecem novas comunicações entre as distintas concepções teóricas, levando em conta a prática em sala de aula, o uso da tecnologia e do saber histórico. Para aqueles que estão mergulhados e comprometidos com o ensino da cartografia escolar, a obra de Rosângela Doin traz experiências pioneiras de grande impacto para que avancemos nas discussões. Boa leitura.

Sobre o autor da resenha

Rosemberg Ferracini: licenciado e bacharel em geografia pela Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) e especialista em história e mestre em geografia pela UFG (Universidade Federal de Goiás), atualmente é doutorando em geografia pela USP (Universidade de São Paulo).

* * *

 **BCG**: <http://agbcampinas.com.br/bcg>

Resenha recebida em setembro de 2010. Aprovada em janeiro de 2011.